

RACISMOS, ETNIA E DIVERSIDADES:

MINI-CONFERÊNCIA PARA MIÚDAS E MIÚDOS CURIOSOS¹

DR. CHRISTIAN MULEKA MWEWA

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Professor da Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul – UFMS/Campus I – Três Lagoas

DRA. PATRÍCIA FERRAZ DE MATOS

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa
Pesquisadora de pós-doutoramento do Instituto de Ciências Sociais da
Universidade de Lisboa

INÂE MURIEL GONÇALVES DE SANTANA

Graduanda de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS/Campus I – Três Lagoas
Bolsista PIBIC/CNPq

Resumo | Este artigo pretende apresentar a entrevista realizada a Rita Pedro que ministrou a “mini-conferência para miúdas e miúdos”, no Teatro Maria Matos, na cidade de Lisboa (Portugal), em outubro de 2017, cuja temática era o racismo. A entrevista gravitou entre os seguintes temas: “raça”, racismo, etnia e diversidade nas dimensões filosóficas, sociológicas e antropológicas. O posicionamento da entrevistada nos leva a concluir que a formação dirigida a crianças pode lançar luz sobre a formação de uma personalidade antirracista.

Palavras-chave | Etnia; Racismo; Formação.

-
1. Uma versão preliminar foi avaliada e lida pela professora Doutora Michelle Carreirão Gonçalves, a quem agradecemos pelas importantes indicações reflexivas que muito ajudaram na apresentação e refinamento das ideias do texto. Por outro lado, as fragilidades que o texto apresentar são da responsabilidade dos autores.

RACISMOS, ETNIA Y DIVERSIDADES: MINI-CONFERENCIA PARA NIÑAS Y NIÑOS CURIOSOS

Resumen | El objetivo de este artículo es presentar la entrevista con Rita Pedro, que dio la “mini-conferencia para niñas y niños”, celebrada en el Teatro María Matos en Lisboa (Portugal), en octubre de 2017, cuyo tema era el racismo. La entrevista gravitó entre los siguientes temas: “raza”, racismo, etnia y diversidad en las dimensiones filosóficas, sociológicas y antropológicas. El posicionamiento de la entrevistada nos lleva a concluir que la formación para niñas y niños puede arrojar luz en la perspectiva de la formación de una personalidad antirracista.

Palabras clave | Etnia; Racismo; Formación.

RACISM, ETHNICITY AND DIVERSITIES: MINI-CONFERENCE FOR CURIOUS KIDS

Abstract | This article intends to present the interview with Rita Pedro, who gave a little conference on racism, for girls and boys, at the Maria Matos Theater in the city of Lisbon (Portugal), in October 2017. The interview was based on the following themes: “race”, racism, ethnicity and diversity in the philosophical, sociological and anthropological dimensions. The positioning of the interviewee leads us to conclude that training for girls and boys can shed light on the prospect of forming an antiracist personality.

Keywords | Ethnicity; Racism; Formation.

*‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes... [...]’
(Castro Alves)².*

INTRODUÇÃO

No ano de 2017, Lisboa figurou como a Capital Cultural Ibero-Americana. Neste âmbito foram promovidas diversas atividades culturais

2. Recuperado de: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/CastroAlves/navionegreiro.htm> (Acessado em 31 de agosto de 2018).

para as quais o Teatro Municipal Maria Matos foi um palco privilegiado por ter protagonizado, entre outros eventos, programações culturais de pertinência formativa para um público vasto e de diversas matizes.

Ocorreram, por exemplo, conferências dirigidas às crianças, através de um ciclo de palestras e debates. Tal revelou o interesse pela infância e o projeto de formação que se tem para ela, em determinados contextos. Isso nos faz lembrar o que Walter Benjamin fazia na Alemanha nas suas “peças radiofônicas” por tratar de temáticas filosóficas na busca de esclarecer as crianças sobre questões do cotidiano. Essas “peças” foram reunidas, no Brasil, no livro *A hora das crianças* (2015).

O convite para ministrar as “mini-conferências” surgiu pelo fato de Rita Pedro (portuguesa, na faixa dos 40 anos, filha de pais portugueses que foram viver na França quando era muito criança) ser formada em filosofia, com mestrado, e trabalhar na educação pré-escolar (mais especificamente na infância e pensamento que articula pedagogia e filosofia), pois, segundo a conferencista, poderia ter meios para melhor discutir o tema com as crianças, enquanto categoria social, na perspectiva das questões ontológicas, metafísicas, éticas etc. Rita Pedro indica que trabalha mais especificamente na perspectiva de Walter Cohen e Gilles Deleuze, que tematizam o devir da infância, pois não é o fato de serem crianças que as torna infantis, como não é o fato de ser adulto que nos distancia da infância. Deste modo, a infância não está limitada a questões cronológicas e/ou geracionais enquanto posição, como acontece, por exemplo, com o adulto. Assim, Rita Pedro explica as três dimensões filosóficas do tempo: cronos (cronológico), kairos (oportunidade) e aion (intensivo/experimental). Tais dimensões orientam a relação que os adultos estabelecem com as crianças enquanto seres diferentes, não para atender as expectativas dos adultos, mas para a expressão das crianças no tempo intensivo e experimental (aion) extensivo aos adultos, como é o caso dos pintores, artistas em geral e capoeiristas (quando estes tomam a capoeira como arte).

No presente texto apresentamos a entrevista com Rita Pedro, uma das oradoras da “mini-conferência para miúdas e miúdos” realizada

no Teatro Maria Matos, na cidade de Lisboa (Portugal), em outubro de 2017, sobre a temática do racismo. Este foi, também, o tema da entrevista semiestruturada que lhe foi realizada, decorrendo um do outro. Os dois contextos permitiram encontrar dados complementares.

É importante notar que este tipo de iniciativas, isto é, expor e debater temas como o do racismo para crianças, é fundamental, uma vez que este é aprendido e apreendido. Assim, argumentamos que quando se silencia o racismo este acaba por se configurar em patologia. No caso brasileiro manifesta-se mesmo como trauma social. Assim, esta conferência, e outros eventos que se lhe assemelham, constituem-se como potencializadores de um percurso para um anti-racismo³.

O nosso texto começará por apresentar e analisar a entrevista a Rita Pedro, destacando as motivações e as ferramentas que o seu trabalho traz. Na parte final serão tecidas algumas considerações conclusivas, assim como pistas para futuras análises.

ENTREVISTA COM RITA PEDRO: FORMAÇÃO PARA UMA PERSONALIDADE ANTIRRACISTA

*[...] São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus... [...]
(Castro Alves)*

Uma das dúvidas iniciais de Rita Pedro na abordagem do tema era se deveria iniciar com a história da escravidão. Diante dessa incerteza, a conferencista se perguntou o quanto este conteúdo iria atrair o interesse das crianças. Na expectativa de exemplificar o tema com alguém que já tivesse sofrido racismo, fosse informado sobre o mesmo e no sentido de dar forma à construção da conferência, Rita Pedro convidou o amigo Ousseini Mamadou (com aproximadamente 25 anos, francês, filho de

3. Sobre o racismo, enquanto uma patologia em termos psicanalíticos, ver: HITA, Maria Gabriela (Org.). **Raça, racismo e genética**: em debates científicos e controvérsias sociais. Salvador. EDUFBA, 2017.

pai da República Democrática do Congo, e mãe senegalesa, residentes na França). Rita Pedro visitou ainda algumas escolas para, entre as crianças, reunir algumas perguntas sobre o tema. Esse procedimento vai ao encontro da perspectiva da filosofia que busca diminuir o adultocentrismo no que respeita à apreensão dos anseios das crianças, ou seja, considera que não podemos compreendê-las a partir daquilo que o adulto pretende que sejam, segundo Rita Pedro.

O objetivo central da oradora era dar ferramentas essenciais para que as crianças pudessem articular o problema do racismo diante da multiplicidade e formas de discriminação. Tal multiplicidade não poderia, porém, ser tratada na totalidade nos 40 minutos destinados à conferência. Portanto, foi necessário fazer escolhas para que o não dito não fosse tomado como omissão.

A motivação para trabalhar a questão do racismo se deve ao fato de Rita Pedro ter trabalhado no bairro da Cova da Moura, onde vive uma comunidade expressiva de cabo-verdianos (provenientes de Cabo-Verde, antiga colônia portuguesa, ou descendentes de cabo-verdianos). Nesse bairro têm-se registado problemas de violência, integração social e saneamento básico, entre outros. Rita Pedro refere, por exemplo, uma das práticas comuns do contexto escolar: as crianças de origem cabo-verdiana, ao ingressarem no primeiro ano escolar, costumam reprovar (“chumbar”). Por ter trabalhado durante seis anos neste meio, a entrevistada se tornou sensível às questões que tangem em torno de crianças que tiveram familiares mortos pela polícia, tios desaparecidos e outros frequentemente vítimas da violência policial etc. Ao trabalhar com essas crianças em situação de vulnerabilidade social, Rita Pedro procurou entender como é que a filosofia poderia ajudá-las a ultrapassar esses obstáculos e como poderia falar dessas questões e tomar um posicionamento crítico. Relata ainda que as mesmas crianças frequentavam a catequese sob os auspícios da Igreja Católica, que preconizava a condenação do tráfico de drogas, por exemplo, entre outras práticas protagonizadas pelos seus familiares. Portanto, a filosofia, enquanto ferramenta, permite questionar e criticar as ideias propagadas pelos adultos, em especial, quando essas são fruto

de práticas sociais subalternizantes, preconceituosas e discriminatórias, afirma Rita Pedro.

Essas questões, quando se colocam no contexto da conferência, permitem que as crianças entendam a manifestação do racismo, por exemplo, num contexto mais amplo. Para isso, a dramaturgia (forma), da qual se valeu a dinâmica da conferência, torna-se o fio condutor para o diálogo com as crianças, o que lhes que permite problematizar a questão do racismo, conforme afirma Rita Pedro. Constituem-se, assim, como ferramentas e reflexão crítica para enfrentar o racismo e não apenas para a sua percepção (porque o racismo é anterior à apropriação dessas ferramentas e estas podem ser mobilizadas para o seu enfrentamento).

Desta forma, tematizar a questão do racismo com as crianças pode torná-las mais sensíveis a perceber o ato racista, uma vez que algumas delas nunca o sofreram e quiçá não reconhecem qualquer forma da sua ocorrência. Não são as crianças as responsáveis por solucionar o problema do racismo, nem a multiplicidade do seu potencial, mas ao identificarem um ato racista podem enfrentá-lo através de reflexão crítica. Por exemplo, podem comunicar a um adulto a ocorrência de um episódio em que se discrimina ao diminuir o *Outro* pela diferença.

Segundo Rita Pedro, as crianças não tomam como parâmetro a questão da cor da pele ou da origem (uma vez que em Portugal há muitas pessoas oriundas de diversas partes do mundo, em especial dos países que outrora foram colônias portuguesas, e também do leste europeu) para diferenciar o *Outro*. Tal ocorre sobretudo na reprodução do discurso (verbal e gestual) do adulto – professores e familiares, por exemplo. Quando o discurso racista é proferido pelas crianças de forma autônoma, ou “autêntica”, infere-se uma incorporação manifesta do mundo adulto. Nesse aspecto, Rita Pedro insiste que as crianças não nascem racistas, mas tornam-se racistas através de uma educação contrária, que não preconiza os princípios da igualdade numa perspectiva da individualização e acesso aos deveres do Estado, mas que valoriza as diferenças dentro dos coletivos na perspectiva de livre associação (ARENDR, 2004, p. 160-281). É possível concluir, a partir da fala de Rita Pedro, que o ambiente familiar e o contexto

formativo em que as crianças vivem e convivem podem influenciar a sua percepção sobre o racismo. Um ambiente multicultural, por exemplo, pode ajudar a equalizar a questão das diferenças e igualdades.

Ao ser questionada sobre o modo de apresentação da conferência, Rita Pedro afirma que a direção do teatro sugeriu que trabalhasse com a intervenção (preparação) da dramaturga Maria Gil⁴, que ajudou a elaborar a apresentação do conteúdo da conferência. Assim, o Teatro Maria Matos poderia ter proposto também uma parceria com um antropólogo, ou outro especialista no tema do racismo, que seria de grande valia, segundo a nossa entrevistada. A dramaturgia foi previamente elaborada em função do público-alvo, ou seja, as crianças. As perguntas destas no final da conferência reforçam a pertinência da iniciativa. Deste modo, a forma obedece à necessidade de obter a concentração das crianças para que a temática não se torne maçadora. Diante da multiplicidade e complexidade do racismo, a conferencista chama a atenção para o tempo durante o qual as crianças ficaram expostas a este tema. O formato da conferência reúne assim um potencial para que a discussão reflexiva sobre o racismo pelas crianças possa ser ampliada a outros âmbitos. Assim sendo, a pretensão de Rita Pedro e de Ousseini Mamadou, não foi esgotar o tema, mas sim alargar a sua discussão, mantendo este público-alvo.

Na sua atuação enquanto professora, Rita Pedro afirma que não trabalha as questões sobre “raça”, racismo ou etnia. Contudo, pesquisou sobre esses temas para a elaboração da miniconferência no Teatro Maria Matos. Após essa experiência, Rita Pedro passou a trabalhar esses temas nas aulas de filosofia, mas sempre pautada nas experiências e vivências dos/as alunos/as. Por exemplo, um dos seus alunos esteve na África do Sul, visitou a prisão onde Nelson Mandela esteve confinado e trouxe fotografias do local, que serviram de base para o debate sobre discriminação e racismo numa aula.

4. Atriz que trabalha no Teatro do Silêncio. Atuou na preparação dramaturgicamente de outras conferências para crianças, que decorreram no mesmo teatro como, por exemplo, a conferência sobre Utopia, na qual também participaram algumas crianças presentes na conferência sobre o racismo.

Esta conferência pôde assim potencializar-se também como uma formação. Expor e debater o racismo contribui para a educação subjetiva dos sujeitos e pode fazer com que a discriminação imersa na construção da sociedade brasileira (e portuguesa) seja mais visível nas subjetividades objetivas das relações sociais.

ALGUNS APONTAMENTOS

*[...] Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. . [...]
(Castro Alves)*

Para enfrentar o racismo é necessário, então, como referiu Miguel Vale de Almeida (2001, p. 33), “(...) desfazer o eurocentrismo, mantendo, porém, a consciência de que a pós-colonialidade não se desenvolve numa distância pan-óptica em relação à história: a pós-colonialidade existe como um ‘depois’ - depois de ter sido ‘trabalhada’ pelo colonialismo.” Com efeito, a pós-colonialidade produziu sujeitos que estão para além de determinações conceituais, colocando em cheque o próprio conceito que pretende uma permanente recordação do passado e no pior sentido, pois lembra-o para que o mesmo persista. Não é este, contudo, o sentido do poeta Castro Alves no poema “Navio Negreiro”, que tem como objetivo manter viva a memória daquele navio para que a história não se repita.

*[...] Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.
[...]
São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...*

*Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael. [...].*
(Castro Alves).

Se a escravidão dos negros estivesse ainda apenas na memória subjetiva da história da humanidade, talvez “O navio negreiro”, escrito por Castro Alves, pudesse ser considerado inexistente, até pelo espanto que suscita a descrição do horror ocorrido em séculos passados. Assim, consideramos que é necessário continuar a trazer estes temas a lume e promover uma formação reflexiva que constitua uma mediação para a promoção da diminuição das desigualdades sociais.

*Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!*
(Castro Alves).

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: CIA das Letras, 2004. P. 160-281.

ALVES, Castro. **Navio Negrero**. Recuperado de: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/CastroAlves/navionegreiro.htm> (Acessado em 31 de Agosto de 2018).

ALMEIDA, Miguel Vale de . O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso «lusófono». In: BASTOS, C., ALMEIDA, M. V. e FELDMAN-BIANCO, B. (orgs). (2002). **Trânsitos coloniais: Diálogos críticos Luso-Brasileiras**, Lisboa: ICS.

Recebido: 29 junho 2018
Aprovado: 17 setembro 2018
Endereço eletrônico:
Christian Muleka Mwewa
christian.mwewa@pq.cnpq.br